

UM SENTINELA DO MISTÉRIO: ANTÔNIO VIEIRA E A ANATOMIA DO CONCEITO DE "HERMES CRISTÃO" À LUZ DA TRADIÇÃO CLÁSSICA

Felipe Lima da Silva (UERJ)

Ana Lúcia M. de Oliveira (UERJ)

RESUMO:

Inserida em um campo investigativo mais amplo, esta comunicação propõe-se como uma breve sondagem do que consideramos chamar de “anatomia do conceito de pregador” que, no nosso entendimento, tem sua marcação inicial nas preponderantes anotações de Aristóteles, as quais compõem os livros de sua *Retórica*. A partir de um olhar mais analítico, é possível apreender que o caráter do orador, conforme indica o filósofo helenista, assumiria o papel de mais poderosa prova argumentativa. Alinhado ao *páthos* e ao *logos* – elementos centrais do tratado aristotélico e, por conseguinte, da técnica retórica –, o *éthos* completa uma série fundamental de preceitos que encaminham ao fim do edifício conceitual da retórica: a persuasão. É mediante a modelagem ideal do caráter, portanto, que o orador atingiria – segundo Aristóteles – o seu propósito discursivo. Sob a égide dos clássicos gregos e latinos, que não ficaram de fora do espectro conceitual da formação dos jesuítas, procuraremos demonstrar como Vieira – segundo nossa perspectiva – configurar-se-ia como um verdadeiro “Hermes cristão”, um autêntico pregador sacro formado nas bases clássicas que representa a imagem ideal de um mensageiro para a Igreja contrarreformada. O ponto nevrálgico desta comunicação, contudo, consistiria em demonstrar, na medida do possível, como o inaciano em foco não apenas se reveste do conceito de exegeta da Bíblia, isto é, de comentador das passagens escriturais, mas sim de autorizado hermeneuta, uma vez que reinventa o imaginário cristão – não no sentido romântico-moderno da criação estética –, explorando as próprias Histórias sacra e profana, de modo a elucidar as cadeias de signos que dão forma aos mistérios, ressemantizando e orientando sentidos intransitivos que lastreiem as heterodoxias para reconfigurá-los como signos transitivos que devem obedecer aos mandamentos da hermenêutica canalizada da Igreja católica ortodoxa.

Palavras-chave: Mistério; Hermes Cristão; Aristóteles; Antônio Vieira.

Nesta comunicação consideraremos que o ponto de partida para um exame da anatomia do conceito de pregador, sem dúvidas, teria sua marcação nas preponderantes anotações de Aristóteles, registradas em seus livros da *Retórica*. É lá que o caráter do orador assume o papel de mais poderosa prova argumentativa. Alinhado ao *páthos* e ao *logos*, elementos centrais do tratado aristotélico e, por conseguinte, da técnica retórica, o *éthos* completa uma série fundamental de preceitos que encaminham ao fim do edifício conceitual da retórica: a persuasão. É mediante a modelagem ideal do caráter, ainda, que o orador atinge – segundo Aristóteles – o seu propósito, pois conforme diz o estagirita: “o caráter moral deste [do orador] constitui, por assim dizer, a prova determinante por excelência” (Livro I, cap II, 2).

Nosso propósito aqui não será traçar um esquema teórico da arte da persuasão, mas considerar a eminência de um breve recuo cronológico como matéria indispensável à época de Antônio Vieira, que, como se sabe, foi educado segundo os moldes dos colégios jesuíticos, responsáveis pela reatualização e pela difusão da matriz tomista-aristotélica que configurou a Península Ibérica como o território majoritário de atuação da “segunda escolástica”, como designou Carlo Giacon (1944-1950).

No que tange a Aristóteles, o *éthos*, em sua perspectiva, era tomado como um efeito do discurso e não um conhecimento prévio do caráter do orador. Nesse sentido, é preciso considerar que o próprio discurso moldava o caráter, mediante os pontos de ligação traçados, pelos quais se constituía a verossimilhança discursiva, tornando o ato argumentativo uma rede de possibilidades críveis. Vale reiterar, junto com Nietzsche, que “a consciência da dignidade individual é romana, não grega” (1971, p. 104).

Passa a valer, como senha de entrada à compreensão do tema, portanto, o fato de que é só com os romanos, mais especificamente com Cícero, que o fator de civilização fora introduzido como peça essencial da constituição moral do orador. É com o referido orador e a civilização romana que se acentua a noção de personalidade, de modo que as qualidades pessoais, conjuntamente ao poder do qual usufrui, passam a ser fulcrais na fatura da persuasão com o mesmo ou maior peso do que o próprio discurso. Assume importância a nobreza do orador, as suas virtudes, a sua fama, o seu gênio e *ingenium*. Este último, como assinala a crítica portuguesa Margarida Vieira Mendes (1989, p. 31), “ao mesmo tempo que é responsável pela feitura de uma *oratio*, é também um resultado ou consequência, uma imagem produzida *na e por* essa oração”.

Convém sublinhar que, no campo de atuação da oratória, o ideal ciceroniano é compreendido como sinônimo do orador perfeito, cuja tarefa oficial é discursar de maneira adequada a persuadir o auditório. Sabemos que, no caso particular de Cícero, não foi possível atingir na experiência o orador perfeito, plasmado somente como uma “ideia”. Se recordarmos os estudos de Erwin Panofsky (1994, p. 15), quando este pensou a trajetória do conceito de belo, perceberemos que a imagem modelar do orador é apenas uma simples abstração na interioridade daquele que a mentaliza. Nesse caso, não estamos falando de estética, mas de técnica retórica. Logo, é válido ter em vista que a proposta da eloquência ciceroniana – de que nenhuma pessoa saberia tornar-se um orador completo se não possuísse em todo o espírito humano um conhecimento grande e elevado, capaz de “falar de qualquer coisa, ainda que prolongada, com abundância e elegantemente” (*Sobre el orador*, I, v-20) – é, por vezes, inconcebível, mas não impediu

que o conceito fosse hipertrofiado e assimilado como pilar de autoridade e prestígio no concílio tridentino (OLIVEIRA, 2003, p. 38).

Revestida de certo valor mitológico, a configuração do orador, reativada na Renascença sob a clave ciceroniana, favorece à retórica, na mesma proporção, um verdadeiro lugar de renascimento. Ana Lúcia de Oliveira (2003, p. 26) não nos deixa esquecer que a retórica retoma seu papel de “geradora de ordem civil”. Por isso, passa a ser um dos pré-requisitos ao cargo de orador a posse de um conhecimento enciclopédico que lhe assegure falar de todas as coisas sem cair no buraco negro de uma falsa verdade, que a filosofia platônica tanto condenou quando aludia à arte retórica. Desde então, mudou-se o eixo do grande debate antigo entre retores e filósofos para uma nova configuração que centralizava, desde o âmbito dos teóricos medievais cristãos, uma querela entre retórica e teologia (cf. OLIVEIRA, 2003, p. 27).

Recuperemos um ponto já mencionado: em razão do preceito de que o orador romano devia possuir um caráter cívico sublime, o pregador sacro fora assimilado da mesma forma. Nesse sentido, pode-se inferir novamente com Margarida Vieira Mendes (1989, p. 32), que “foram os romanos que assim criaram uma das mais importantes fontes de persuasão, de tipo indutivo, próxima do *exemplum*: a *imago*, a personagem exemplar”.

Tal figura será vista constantemente esboçada no repertório temático da sermonística do Padre Vieira, que, além de reativar a presença de Cícero, incorpora outra de origem eclesiástica: a concepção apostólica do pregador, forjada nos profetas bíblicos, em Cristo, São Paulo, nos Padres da Igreja e ainda nas hagiografias. Essas referências vão formar um ideal ético e religioso daquele que toma a palavra a partir de tais modelos ou protótipos, ideal resguardado por princípios e preceitos de um ambiente mental, discursivo e institucional: a Contrarreforma.

Na segunda metade do século XVI, a imagem do orador ideal traçada nos textos de Cícero – aqui traduzida por *imago* – assume o estado de perfeição aos olhos daqueles que cultivavam os saberes da grande arte do discurso. Operando como uma ferramenta imprescindível para os interesses públicos, a oratória assume um título de destaque ao se fundir à teologia. É novamente da crítica portuguesa que advém uma decisiva avaliação do mencionado ponto: “a oratória permanece cívica, mas deixa de ser laica para se tornar sagrada. O loquente, como sacerdote, apresenta-se na *persona* do mediador e intérprete da palavra divina” (MENDES, 1989, p. 32).

O crescimento da popularidade do pregador caminhava de mãos dadas à sua intensa formação, cujas raízes também se encontravam na expressão emprestada de Cícero dos estudos de humanidades – *studia humanitatis* –, os quais compreendiam as letras essenciais para a educação do pregador, englobando a gramática, a retórica, a poesia, a história e a filosofia moral e, sem dúvidas, anos de teologia. Veiculadas, essas disciplinas proporcionavam conceitos de vida e de valores morais relacionados com a pessoa, bem como produziam conteúdos éticos, instituindo uma pedagogia da imitação de vidas exemplares, com frequência tomando Cristo e os mártires da Igreja contrarreformada como modelos dessa *imitatio sanctorum*.

Conforme assinalaram importantes estudiosos das letras sacras seiscentistas, como Benedetto Croce e H. D. Smith (MORÁN & GALLEGU, 1995, p. 117), é paradoxal regressar a essas épocas mais remotas da história e não convocar mentalmente a figura do pregador, até mesmo posicioná-la no xadrez social da época como peça-chave de todos os eventos e acontecimentos de mais variados foros.

A estreita relação entre oratória e teologia – a qual podemos assimilar como uma autêntica fusão –, por vezes, é capaz de nos impossibilitar de avistar, desde seu aparecimento, a existência de uma disciplina fora do circuito de extensão da outra. Representada pela união da autoridade discursiva de ordem ciceroniana – restaurada, por sua vez, no Renascimento, com a revalorização e a reforma da pregação e do acento posto ao título do orador sacro, ocorrido após o Concílio de Trento –, essa fusão, certamente, foi o que tornou possível o advento Antônio Vieira, bem como promoveu às letras do século XVII uma fama de escala poderosa por passar a ser conhecida como a “idade de ouro da oratória”.

Dito isto, é de se reiterar que as reciclagens e os deslocamentos conceituais, assim como os conhecimentos, que vigoram nos séculos XVI e XVII, são da mesma ordem – embora também sejam releituras – da *litterae humaniores*, isto é, a base de ensino da época, cujo retorno assume a face de reconquista de território, em oposição aos novos saberes medievais, às especulações gramaticais e linguísticas, bem como à ontologia nascente ou à filosofia moral.

Não podemos deixar passar em silêncio que, dentre as muitas estratégias elaboradas pela Igreja contrarreformada para reformular o programa de divulgação da própria doutrina, destaca-se, sobretudo, a formação dos sacerdotes na pregação e no ensino do catecismo. A pregação, segundo nos esclarece Manuel Mórán e José Andrés Gallego (cf. 1995, p. 118) foi um dos tópicos centrais das primeiras sessões (a quinta

efetuada já em 1546) da Assembleia Magna tridentina, de onde resultou o importante decreto *Super lectione et praedicatione*, datado de 17 de junho, a que se seguiu, entre outros, o cânone IV do *Decretum de reformatione*, sancionado na vigésima quarta sessão (1563). Era imprescindível que o pregador ensinasse o que todos devem saber para alcançar a salvação eterna, expondo com brevidade e clareza (e nesse sentido a retórica foi uma ferramenta poderosa no auxílio do propósito) os vícios que devem evitar e as verdades que devem exercitar, para poderem escapar às penas do inferno.

As deliberações que pelejavam a favor da figura desse intérprete eleito exigem, por seu turno, conhecimentos pontuais introduzidos na rotina da longa formação desses pastores de almas. É com data e hora marcada que sabemos que os aspectos adotados pela Contrarreforma em relação à formação do orador, que visa ao perfil de homem perfeito, são oriundos diretamente da fortuna dos escritos de retórica atribuídos a Cícero e Quintiliano.

Na *Institutio Oratoria* (ou “Educação do orador”), Quintiliano insiste – particularmente – na aliança da ética com a eloquência, e retoma a célebre designação de Catão – *vir bonus dicendi peritus* –, defendendo que é impossível dissociar da imagem do orador, a bondade que a este deve ser inerente. Assim sintetiza Margarida Vieira Mendes o pensamento do orador e professor de retórica romano, “a arte de bem falar e a de bem viver são inseparáveis: o homem que não seja honrado não pode persuadir” (MENDES, 1989, p. 60).

Percebe-se, com isso, que esse paralelo entre ética e eloquência, que não estava em Aristóteles como critério essencial, mas como consequência para a eficácia discursiva, toma maior centralidade nas bases romanas que servem à Contrarreforma, visto que justifica a necessidade da moral no exercício de atuação do pregador. Esse tema ganha energia diferenciada na prédica do Padre Vieira, que o encara como tarefa eminente do pregador, o qual deve sempre exalar exemplos e demonstrar obras elevadas ao longo da vida se quiser ter credibilidade perante o auditório. A título de ilustração, apenas, destacamos uma célebre passagem do “Sermão da Sexagésima” (1655), pregado na Capela Real de Lisboa, para um singular auditório de nobres e religiosos, a fim de demonstrar como o pregador matiza a matéria, dando a ela contornos bem definidos:

Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será por que antigamente os pregadores eram

santos, eram Varões apostólicos, e exemplares e hoje os pregadores são *eu*, e *outros como eu*? Boa razão é esta. A definição de pregador é a vida, e o exemplo (VIEIRA, 2015, p. 53; grifos meus).

Em síntese, o *éthos* é basilar para a eficácia da pregação. Dito isso, podemos afirmar que o modelo de *orator* ideal de Cícero vai se sacralizar quando passar a ser desempenhado pelo *sacerdos*, o qual, de igual maneira, se encherá do prestígio terreno do *orator*.

Cabe assinalar que a retórica não apenas consistiu – para os homens dos séculos XVI e XVII – numa técnica forense, mas antes passou a servir plenamente a *Paideia*: a educação integral dos homens. Em poucas palavras, a retórica tornou-se a disciplina central para a qual todas as outras fazem reverência, assim como a formação intensa do pregador favoreceu com que a pregação tornasse-se a arma da contrarreforma por excelência. A esse mensageiro da Palavra divina atribui-se um estatuto até então desconhecido.

Mais especificamente sublinhemos que, para a Companhia de Jesus, as antigas artes discursivas do *trivium*, especialmente a retórica e a dialética, formam objetos de extrema valorização, como armas poderosas não apenas para persuadir os laicos como também para enfrentar os pregadores da heterodoxia reformista (cf. RODRIGUES, 1917, p. 45). Esses conhecimentos essenciais para o desempenho da vida em sociedade forneceram aos pregadores os meios necessários para operar um aparelho de persuasão muito eficaz, quando manejado com uma habilidade decorosa.

As considerações anteriores nos permitem concluir que o orador contrarreformista, remodelado em termos católicos e, claro, também retóricos, não se reduziu a um simples técnico da palavra, mas teve de demonstrar ser um homem integral, com uma boa formação moral e cultural. Assim sintetiza a estudiosa portuguesa, de maneira lapidar, os eventos ocorridos nessa época:

A Igreja contra-reformada, dominando a vida de *res publica* nos países mediterrâneos, assimilou o orador laico, que entretanto se formara nas *literae humaniores*, e tentou conjugar a eloquência humanista com a imitação das homilias dos cristianíssimos padres medievais; servia esta receita para substituir o estafado *modus scholasticus* pelo antigo e renascido *modus oratorius*, que **viera** a fecundar a vida civil italiana nos séculos XVI e XVII (MENDES, 1989, p. 62).

Sob a égide dessas ponderações podemos afirmar que a exegese sagrada toma foros de aventura; o orador-pregador, a investidura de um bravo que se lança na missão de escalar uma empresa colossal na qual se esconde, na torre mais alta, o sentido espiritual das Escrituras. Lançando mão dos estudos retóricos clássicos e da arte da persuasão, bem como do amplo emprego das mnemotécnicas como auxílio valioso para executar a leitura das Escrituras e a própria pregação, o orador sacro – no caso deste trabalho, jesuíta - recicla, na era cristã, os principais procedimentos da oratória pagã.

Consoante as palavras de Henri de Lubac (2000, p. 77, vol. 2), aqui expostas para melhor elucidar o dito acima, “se a escritura fosse a torre da teologia e sua base a própria história, mais acima do topo estaria o sentido espiritual”. As palavras do teólogo constroem uma metáfora-ponte para que possamos estabelecer um caminho seguro para melhor avistar a figura do pregador, também possível de ser assimilado como um Hermes Cristão; em termos gerais, tratar-se-ia de um mensageiro da Palavra formado sob as bases dos saberes pagãos que ministra a hermenêutica institucionalizada no âmago das doutrinas católicas, conduzindo o fluxo transitivo dos sentidos sagrados para uma via intransitiva de ortodoxia.

No caso específico do Padre Vieira, isso significaria dizer que, sua base clássica lhe favoreceu, como também poderíamos identificar em outros importantes jesuítas coetâneos a Vieira de nacionalidades distintas, como Baltasar Gracián e Emanuele Tesauro, um posto não de mero exegeta das escrituras, mas de autêntico hermeneuta, ou seja, responsável pela reatualização, e não só pela leitura, das Escrituras nos púlpitos de seu tempo. Para finalizar, poderíamos dizer, que a retórica clássica é um dos pilares para a atuação missionária dos pregadores jesuítas, e ,no caso de Antônio Vieira, ela serviu de instrumento elementar para um proveitoso cruzamento de referências bíblicas e de uma remodelagem da “ciência dos signos” que, desde então, exigiu daqueles que se debruçam sobre o umbral da obra vieiriana um olhar perspectivo que para vislumbrar um panorama mais completo da época de ouro da retórica eclesiástica precisa considerar, em sua totalidade, as bases dos saberes que enformam o pensamento da Antiguidade clássica.

Referências

ARISTOTE, Art Rhétorique. In: **Art rhétorique et art poétique**. Paris: Garnier Frères, 1944.

CÍCERON. **Sobre el orador**. Introducción traducción y notas de Jose Javier Isso. Madrid: Gredos, 2002.

LUBAC, Henri de. **Medieval exegesis: the four senses of scripture**. USA: Eerdmans Publishing Company, 2000.

GIACON, Carlo. **La Seconda Scolastica**. Milano: Fratelli Boca, 1944-1950, 3 vols.

MENDES, Margarida Vieira. **A oratória barroca de Vieira**. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

MORÁN, Manuel; ANDRÉS-GALLEGO, José. “O pregador”. In: VILLARI, Rosario (Org.). **O homem barroco**. Lisboa: Presença, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. “Cours sur la rhétorique” In: **Poétique**, n° 5, Paris. 104-130.

OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de. **Por quem os signos dobram: uma abordagem das letras jesuíticas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

PANOFSKY, Erwin. **Idea: a evolução do conceito de belo**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

RACIONERO, Quintín. Introducción. In: ARISTÓTELES. **Retórica**. Madrid: Gredos, 7-149, 2014.

VIEIRA, Antônio. “Sermão da Sexagésima” In: **Obra completa Padre Antônio Vieira**: 1° ed. Vol. II. 15 vol. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

